



REDACTOR PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talhoba-Lisboa • Telefone 5399 C.  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## REFORMISMO E INTEGRALISMO

XIX

As famosas condições elaboradas pelos bolchevistas no seu Congresso de Moscú opõem o reformismo à revolução. É um erro. Não há oposição entre o reformismo e a revolução. Um completa a outra, porque o primeiro tende simultaneamente a provocar e a retardar a segunda. É verdadeiro, e é um facto, que o reformismo, que qualquer realização de um progresso retarda a realização do progresso subsequente. Mas ao mesmo tempo, o primeiro processo torna possível a realização do segundo. E ao pretender-se realizar o segundo sem ter previamente realizado o primeiro, fracassa-se, a maioria das vezes, ou então estaca-se no domínio da teoria pura sem aplicação prática. É isto tanto com a humanidade colectiva como com o indivíduo humano, para o qual é necessário crescer, aprender e praticar.

Tem, portanto, o reformismo as suas vantagens e os seus inconvenientes, o verso e o seu reverso, como qualquer fenómeno social. Auxilia a criação de um meio em que se pode desenvolver a revolução, porque tende a melhorar as condições de vida, pois quanto melhores forem estas condições, mais os homens desejam ainda melhorá-las, por existir uma aspiração para o melhor, e é uma característica não só da classe humana como das massas, e que constitui portanto um excelente fermento do progresso humano.

A revolução é uma simples aceleração, no tempo, da evolução, isto é, em uma análise, do reformismo praticado com maior ou menor intensidade nos períodos de evolução. Os dois processos não são opostos. Seguem-se segundo as condições. Negar a utilidade do reformismo, até sob o ponto de vista do revolucionário da extrema esquerda, do puro integralista, é um erro completo de observação e de raciocínio.

O mundo, desde Agosto de 1914, atravessa um período revolucionário, como qualquer período de idêntica natureza no passado, os acontecimentos não sucedem de forma regular e calma. Há alternativas de retardamento e de aceleração, momentos de remissão e até aparências de retrocesso. E tudo isto produz ou em conjunto ou separadamente, conforme os meios e os momentos. Assistimos a sobressaltos, a períodos de regularidade e calma, em seguida a um extravasamento em detrimento da violência e da rapidez com que decorrem os acontecimentos, e novamente a uma aceleração de velocidade, e assim diante. É uma época esplêndida aquela em que actualmente vivemos, porque perante os nossos olhos vemos operar-se a transição entre um velho mundo que se extingue e um mundo novo, com alguns anos já de existência, no espírito das aspirações das minorias e que agora se entevê, prestes a crescer.

Num período revolucionário, como aquele em que vivemos há seis anos, o reformismo teria sido muito útil se a acção governamental tivesse sido séria. Durante a guerra mundial, a primeira fase da actual guerra social, a classe operária pôde exercer uma forte acção governamental, visto que os socialistas, os trades-unionistas compartilhavam do poder na Grã-Bretanha, na França, na Bélgica. Mas não houve esta acção, porque os ministros socialistas foram os seguidores da política burguesa tradicional em lugar de serem os pioneiros de uma política reformista socialista. Onde proveu um profundo desgosto nas massas, tendo como consequência o desfecho delas, que se largaram para a esquerda, para o mais pronunciado verbalismo revolucionário. Por este motivo, os Partidos Socialistas e os Sindicatos perderam todos os benefícios do reformismo pela oposição das massas.

Por outro lado, ao apresentar-se uma aparência de paz, os dirigentes deixam de sentir a necessidade de terem como aliados, como auxiliares, as massas proletárias. Em lugar de se dirigirem para a esquerda, tenderam para a direita. Os caminhos seguidos pelas massas dirigidas e pelos dirigentes divergiram, aumentaram cada vez mais a sua divergência, o que deu em resultado uma política de reacção, que revestiu formas diferentes segundo os momentos, política esta cujos efeitos todos os dias vemos desenvolverem-se. Estes efeitos são anti-revolucionários, porque os povos são por eles incessantemente impedidos para uma catástrofe económica e financeira, o momento preciso do decair duma revolução violenta, sangüinária e provavelmente caótica. Mas os efeitos que com certeza irão gerar dores numerosas, poderiam ter-se evitados se os reformistas, nos Partidos Socialistas, tivessem estado à altura da sua época.

Para demonstrar a utilidade do reformismo, mesmo em relação ao revolucionário, suponhamos a hipótese que na França e na Grã-Bretanha os socialistas, os trades-unionistas eram conjuntamente com os burgueses, membros do governo. Estes ministros socialistas, apoiando-se sobre as massas operárias organizadas, teriam podido modificar a política reaccionária, imperialista e autocrática seguida pelos governos da França e da Grã-Bretanha desde a assinatura do armistício. A Rússia não teria sofrido o bloqueio, a revolução ter-se-ia desenvolvido tranquilamente no ponto de vista externo.

As sangrentas e tão bárbaras reacções da Finlândia e da Hungria não se teriam dado. Melhorar-se-iam as condições financeiras, o desarmamento seria a realidade, reinaria a paz entre as nações, e entre as classes a luta em vez de existir uma forma exasperada, ter-se-ia adiado. Com certeza que as condições para uma revolução violenta não seriam, como presentemente, tão patentes; ao contrário, estaria a caminho de efectivação uma revolução pacífica. Tal o deu. E quem mais sofreu com isto foram os revolucionários russos, bolchevistas e todos os partidários do tudo ou nada, os integralistas da Revolução. Entre o reformismo e o integralismo existe uma oposição real. Os partidários do integralismo revolucionário pretendem uma transformação súbita e completa. Os reformistas uma transformação lenta e progressiva. Não pode ser duvidoso para ninguém o antagonismo destas duas concepções. Diferentes entre si exigem necessariamente uma tática diferente para se realizarem. Por este motivo, parece difícil que num mesmo agrupamento possam estar reunidos os reformistas e os integralistas.

### As diversas formas do Socialismo

O fim último dos socialistas, reformistas ou integralistas, é o mesmo: a transformação da actual sociedade capitalista numa sociedade socialista, isto é, numa sociedade em que a posse dos meios de produção e dos bens em geral não é individual, mas sim colectiva ou comunista. Não há lugar agora, nem é o caso de mostrar as diferenças morfológicas duma sociedade de propriedade colectiva ou duma sociedade de propriedade comum. Consulte-se sobre este assunto o meu volume sobre «Socialismo e Anarquismo», publicado em 1915, em francês, em espanhol, português e russo. Estas diferenças variam aliás em conformidade com o princípio da posse colectiva ou comum estar ligado a determinadas formas políticas. Podemos conceber a forma colectiva ou comum da sociedade dos bens, unida a uma forma política baseada na autoridade, na autocracia, numa forte hierarquia burocrática. Temos então o socialismo centralizador, autoritário. E no passado já tivemos uma forma parcial, péso que primitivo reino, peruviano dos Incas e na república jesuítica do Paraguai. Pode-se também conceber esta forma colectiva ou comum dos bens, unida a uma forma política baseada na liberdade individual. Sem senhores. Uma forma individualmente aceite, em toda a liberdade. Sem imposição, nem sanção. É o comunismo anárquico, de que foram protagonistas no século passado, hoje, os Reclus, os Malatesta, os Kropotkin.

Apesar destas diferenças morfológicas do fim a atingir, diferenças que aliás não de existir uma vez atingido este fim, pode-se, sem medo de errar, afirmar que o fim é o mesmo para todos os socialistas. Mas caminhos diferentes existem a este mesmo fim, e variam, segundo se pretende atingi-lo progressivamente ou dum só golpe.

No primeiro caso, não somente o sistema reformista é indispensável, mas também, e é o único que se pode empregar. Consequentemente, os seus partidários têm que ser necessariamente «reformistas», isto é, são dentro dos quadros da sociedade capitalista, sem rompimento com a legalidade burguesa, a con-

## Notas e Comentários

### Tu quoque?

Revela-se-nos agora a Espanha disposta, ela também, a intervir nos negócios da República dos Soviéticos. Má hora escolheu o país vizinho para tentar o triunfo dos seus desígnios burgueses. O exemplo Wrangel, depois dos exemplos Voudenitch, Koltchak e Denikine devia ter já elucidado suficientemente o capitalismo internacional sobre a força do novo regime russo. Além disso, o povo francês, bem como o inglês, movimentam-se vigorosamente para pôr cobro à política infame seguida pelos seus governos. Em Inglaterra, o Comité de Acção lançou há dias um novo entusiástico apelo em favor do restabelecimento de relações e da paz definitiva com a Rússia. Em consequência da agitação promovida, já o governo britânico retomou o exame de acordo comercial com aquele país, demonstrando, desta vez, vontade de terminar em breve esta tarefa. Além disso, já vários negociantes ingleses esperam grandes quantidades de mercadorias destinadas à Rússia: material ferroviário, fazendas, coiro, calçado, charruas, ferramentas, alfaias agrícolas, que tanta falta faziam ao povo russo. Por seu turno, o povo francês, acorrendo ao chamamento da C. G. T., aliada para o efeito ao Partido Socialista e à Liga dos Direitos do Homem, tem promovido ultimamente um fortíssimo movimento de protesto, demonstrando aos governos e à burguesia o seu desejo de ver estabelecida, dum vez para sempre, a paz com a Rússia — e não duvidamos que comece a haver finalmente, da parte do capitalismo francês, um pouco de juízo. Pois é num momento assim que a Espanha entende meter-se em danças, aliás contrariando a vontade do povo espanhol, que deseja a paz e a liberdade de todas as nações. Faria melhor o sr. Dato e os da sua quadrilha se pensassem em resolver os graves problemas que agitam o país vizinho, a greve de Rio Tinto, o movimento de Saragoça e outros, que a ganância patronal vai tornando eternos.

**Uma força imensa**  
Devia ter-se reunido em Londres, na passada segunda-feira, uma conferência internacional de sindicatos. Não temos ainda informação do que lá se se teria passado. Diz-nos, todavia, o *Daily Herald* que na conferência estavam presentes delegados 14 alemães, 10 ingleses, 10 belgas, 10 italianos, 4 dinamarqueses, 6 holandeses, 6 noruegueses, 3 austríacos, 3 checoslovacos, 2 húngaros, 4 suecos, 1 suíço, 2 luxemburgueses, 1 peruano, e franceses em número que desconhecemos. As centrais sindicais da Espanha, da Polónia e da Grécia enviaram delegados igualmente. No total, ficaram representadas vinte e oito milhões de operários indicados. É esta imensa força que deslocará o eixo político-económico.

**Bebidas fortes**  
Na Norte-América quasi todos os estados são *secos*, pois assim se designam aqueles em que a venda de bebidas alcoólicas é proibida. Acontece porém que os vendedores clandestinos juntam fortunas milionárias desde a data da proibição. Era de prever. Os temperamentos, contudo, não decaíram, e até a sua propaganda tem tomado, nos últimos tempos, uma excepção de actividade. Aqui há dias, um

**Na Inglaterra**  
**Procurando estudar o aumento de produção**  
LONDRES, 25.—Começaram funcionando em todos os distritos mineiros e industriais as comissões destinadas a estudar o método de um aumento da produção. —*Rádio.*

**Um esclarecimento**  
É possível que a alguns dos nossos leitores, sobretudo aqueles que superficialmente conhecem a vida dos jornais, tenha causado estranheza que na *Batalha* apareçam, nas ocasiões de greve de certas corporações de transportes terrestres — embora na secção de anúncios, que o mesmo é dizer fora de portas da redacção — avisos de direcção do Sul e Sueste convidando os grevistas a apresentar-se, etc.

Sucedem assim não em troca de quaisquer dinheiro, que nós desprezamos, mas em consequência de contratos, que as exigências de expansão do jornal através dos países obrigaram a administração da rebelde *sete* a fazer com aquela direcção, repetido-se o mesmo facto, por motivo idêntico, com outras empresas ferroviárias.

Obrigada a cumprir as condições de tais contratos, é a administração de *A Batalha* forçada a inserir aqueles anúncios, que são falas de caso de faz.

As nossas falas são, porém, como os leitores tem tido ocasião de verificar, muito diferentes, porque são exortações bem sentidas aos nossos ferroviários, dos nossos melhores amigos.

Já uma vez, a propósito dum comunicado da C. P., demos esta explicação, mas não é demais renová-la.

**HOMENS DE TRABALHO E DE FÉ:**  
**MUNIÇÕES PARA OS FERROVIÁRIOS!**

Se é verdade que muitos operários cumpriram já o seu dever, contribuindo materialmente para os ferroviários do Sul e Sueste e do Minho e Douro, há já quasi dois meses em luta com o patrão-Estado, muitos outros trabalhadores manuais e intelectuais há ainda que não corresponderam ao apelo da C. G. T., que nosso é.

Esses estão, porém, ainda a tempo de o fazer, para o que basta dirigirem-se à sede dos respectivos sindicatos, Federações, Unões Locais ou à administração de *A Batalha*.

## Efeitos da derrota do general Wrangel

A FRANÇA NÃO RECONHECE O GOVERNO DOS SOVIETES

**Mas autorizará as relações comerciais**

PARIS, 25.—A comissão de negócios estrangeiros da Câmara reuniu hoje sob a presidência do sr. Barthout, tendo ouvido o sr. Georges Leygues. O exercício alemão foi reduzido a 150.000 homens; a entrega do material alemão acentua-se e as entregas de carvão são igualmente efectuadas.

Há urgência em se proceder ao plebiscito na Alta Silésia, havendo várias dificuldades para resolver. O plebiscito terá lugar em 15 de Janeiro. A influência francesa facilitou o acordo de Rappallo.

Firmes protestos foram feitos em Berlim em virtude dos discursos pronunciados na Romania pelos srs. Echenbask e Simons.

O governo não perdeu de vista o interesse que há em construir um porto em Tanger.

Depois do auxílio ao general Wrangel a França evacuou 125.000 homens sobre os países mais próximos da Crimeia.

O governo francês não reconhecerá os Soviéticos, mas está disposto a autorizar as relações comerciais, não se responsabilizando a França pelas transacções comerciais entre os industriais e negociantes franceses e russos.

O sr. Georges Leygues espera que na questão grega os aliados afirmarão a sua solidariedade. —*Rádio.*

### EM ESPANHA

## A greve de Rio-Tinto

Há quatro longos meses que dura a tragédia de Rio-Tinto, sem que por enquanto se veja a maneira de lhe pôr um termo.

Trata-se mais dum *lock-out* do que duma greve, pois que assim que os operários resolvem pedir um aumento de salário, o inglês Browning, o senhor absoluto de Rio-Tinto, fez logo cessar o trabalho em todas as minas, declarando que jamais acederia às suas reclamações.

O número de operários atingidos com esta paralisação súbita do trabalho, foi de dez mil — não contando, está claro, com as mulheres e os filhos — os quais, até agora, têm suportado os maiores horrores e tormentos no meio daqueles campos escavados e improdutivos.

As crianças, que por solidariedade operária foram para Madrid, só no fim de 15 dias é que começaram a digerir normalmente, em vistas das muitas fomes que tinham sofrido!

Alguns grevistas, já fartos de sofrimentos, têm posto termo à vida, e tem sido tal a cordura com que todos se têm portado que os próprios electricistas de Huelva — talvez para evitarem a explosão natural dos ódios que dentro em seu peito se estão acumulando — têm sido os primeiros a abrir quêtes e subscrições para lhes atenuar um pouco a situação miserável.

No entanto, Browning, que ainda não há muito se converteu à religião católica, mostra ignorar todos estes horrores, e a um representante do governo espanhol, que interveio no caso, para solucionar o conflito, respondeu-lhe, chamando-lhe bolchevista e revolucionário, não aceitando de forma alguma a plataforma por ele apresentada.

Na verdade é para admirar a resistência oferecida pelos mineiros de Rio-Tinto durante tanto tempo, pois que nenhum deles por enquanto se mostra disposto a retomar o trabalho nas condições anteriores. Mas também o que causa bastante estranheza é a passividade por eles até hoje manifestada numa época em que o proletariado em vez de abandonar o trabalho, ocupa já por sua própria conta as fábricas, as minas e as casas de habitação.

Os organismos operários de Espanha vão agora intervir para que o conflito seja solucionado o mais depressa possível, tendo já aconselhado a todos os mineiros, que se unam e associem, e se ponham em relações com as outras organizações do seu país.

## A Irlanda convulsionada

### O debate no parlamento inglês

LONDRES, 25.—No debate na Câmara dos Comuns sobre a Irlanda sir Groenwood declarou que o governo está fazendo tudo o possível para evitar as represálias e manter a disciplina, apesar das inumanas seguranças das tropas que combatem contra assassinos, mas não contra o povo irlandês.

O sr. Groenwood terminou perguntando se o país pode ter compaixão com assassinos apunhados com armas nas mãos.

Na Câmara dos Lords o visconde de Grey declarou ser urgente a aprovação do Home Rule para a Irlanda, pois lhe garante uma forma de governo, devendo ser aprovado conforme pelo governo é proposto. —*Rádio.*

## União dos Sindicatos Operários

Reúne hoje, extraordinariamente, pelas 20 horas.

### NAS VÉSPERAS DO TRIUNFO

## Um derradeiro esforço DOS grevistas ferroviários e a vitória virá coroar o seu heróico e nobre movimento

Se a bandalheira política que nos domina não tivesse ultrapassado a já os últimos extremos do descalço, a greve dos ferroviários do Estado estaria já há muito tempo terminada. Primeiro, porque os grevistas têm razão, e a quem tem razão deve reconhecer-se-lha. Segundo, porque o prolongamento dum movimento desta ordem, a paralisação dum serviço público de tamanha importância, acarreta prejuízos incalculáveis, prejuízos que tarde ou nunca se poderão remediar. A maior parte do material das redes ferroviárias do Estado está inutilizada. O resto vai sendo roubado a pouco e pouco, porque aquilo está a saque, como informa a nota do Comité que noutro lugar publicamos. Já queda súbita do último governo retardou a solução da greve. É impossível supor que o primeiro gesto do governo que venha a constituir-se de ser a resolução de tam grave problema. Por isso, para atingir finalmente a vitória, essa vitória tam ardentemente disputada, tam bem merecida, tam justa e tam desejada, mais não temos os ferroviários a fazer que alongar um pouco mais a luta em que há dois meses se empenham com um denodo de que a história operária não regista muitos exemplos.

Terra à vista! A terra do triunfo já realmente se divisa. Lutem os ferroviários um pouco mais e a distância que os separa desaparecerá. E' continuar como até aqui, esperanças, animos, decididos. De resto, o operariado acompanha com interessada ansiedade as fases desta luta.

Por agora, firmeza apenas. Firmeza da parte dos grevistas, solidariedade da parte de todas as outras classes!

## AS GREVES

### Ferrovários do Estado

#### Nota oficial

Apesar das medidas militarmente adoptadas para proteger a chamada «liberdade de trabalho» e da presença, no Barreiro, do comandante do batalhão de sapadores de caminhos de ferro e do presidente do conselho de administração dos Caminhos de Ferro do Estado, que mandaram patrulhar as imediações daquela estação, não se apresentou ferroviário algum ao serviço ontem, data em que terminava o prazo estabelecido pelas direcções do Sul e Sueste e Minho e Douro, para o pessoal fazer a sua apresentação.

No Porto sucedeu o mesmo, respeitando o pessoal as deliberações que havia tomado nas suas sessões magnas do Barreiro, Lisboa, Porto, Beja, Faro e Evora, realizadas no dia 24.

Um ou outro requerimento apareceu nas referidas direcções, mas apenas de alguns ferroviários que se encontram isolados na linha, os quais nada representam, pois foram limitadíssimos e apenas resultantes da falta de notícias sobre a marcha do movimento tendo este Comité tomado já providências para que nenhum dos signatários faça a sua apresentação.

Perante mais esta demonstração, deve o director militar dos Caminhos de Ferro do Estado estar convencido de que o pessoal não aceitará as suas imposições e muito menos conseguirá a normalização dos serviços, como até hoje se tem provado.

Ao país e aos governantes não pode o gesto dos ferroviários e a sua greve, que há 56 dias se prolonga, através de todos os obstáculos que lhe tem sido levantados, passar despercebida, pela razão e pela justiça que a animam.

É falso que nas oficinas gerais do Barreiro se encontre o número de operários anunciados pela Direcção Geral de Transportes, pois ali apenas se encontra um reduzido número de militares, dos quais apenas uns dois ou três prestam algum serviço útil, sucedendo até que a cadeia das mesmas oficinas não tem funcionado por não haver possibilidade em a manter acesa, tendo, já por mais de uma vez, sido necessário apagá-la a baldes de água para evitar a sua inutilização. Estas oficinas comportam em tempo normal 700 operários.

Neste momento em que se declara a quasi falência financeira do Estado, os Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e Minho e Douro estão sendo campo de acção de ladrões, que tudo roubam e tudo transportam para fora dos Caminhos de Ferro, vendendo cá fora por todo o preço, atingindo milhares de contos, o valor dos roubos praticados em mercadorias e materiais.

Os bronzes das máquinas e as ferramentas tem desaparecido quasi por completo, chegando o desfalco ao ponto de ser oferecido a um negociante da rua Miguel Pais duas caixas com bronzes, no valor de quatro contos.

Em poder deste Comité, para ser entregue depois de terminada a greve, en-

te prélio gigantesco. O operariado não pode admitir a derrota de quem tam corajosamente tem lutado. Não faltam as forças aos ferroviários porque as suas forças são inexgotáveis, e já disso temos bastos e concludentes exemplos. Mas, ainda que faltassem, todas as classes trabalhadoras os amparam, neste momento supremo da luta. Os manifestos publicados nestes últimos dias pela Federação do Livro e do Jornal, pela União dos Sindicatos Operários de Lisboa, pela Associação dos Manufactores de Calçado, por tantas outras colectividades de Lisboa e da provincia mostram bem quanto é firme o desejo de todo o operariado em não deixar sucumbir os ferroviários, já vítimas de tantas infâmias e de tantas cobardes violências.

O auxílio monetário que as várias classes se comprometeram a dispensar aos ferroviários continuará sendo dispensado enquanto necessário for. Isto bastará por agora, enquanto se não constitui um novo governo que, com honra para os ferroviários, ponha finalmente termo ao conflito. Mas se isso não chegar, podem os ferroviários ficar absolutamente seguros de que a classe operária lançará mão de todas as suas armas e porá em jogo todas as suas forças para não deixar que se consuma o esmagamento duma classe tam querida de todos nos exactamente por já mais haver descuido o cumprimento do seu dever.

Por agora, firmeza apenas. Firmeza da parte dos grevistas, solidariedade da parte de todas as outras classes!

## AS GREVES

### Ferrovários do Estado

contra-se um bronze do lado R da máquina 52, apreendido a um dos gatuños, cujo nome não foi possível obter. Numa alvarenga carregada de mercadorias foi praticado um outro roubo superior a trinta contos, como prova uma reclamação que se encontra na Direcção do Sul e Sueste.

Porque assim apraz ao sr. Raúl Esteves e aos governantes que o tem apoiado, estão os Caminhos de Ferro a saque.

Em consequência da queda do governo Alvaro de Castro, novamente se modificou a situação do movimento ferroviário, como fora previsto, prosseguindo o movimento até à formação do novo governo, como se acha resolvido por toda a classe.

Podem os ferroviários de todas as categorias continuar a manter-se em luta, porque este Comité possui os elementos indispensáveis para garantir a estabilidade do movimento até à formação do novo governo e os que garantiram o seu êxito, sendo apenas uma questão de alguns dias. —*Comité Central dos Ferrovários do Estado.*

### Um «fixe»

Escreve-nos o ferroviário Joaquim Pereira Gonçalves, factor dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, a dizer-nos que havendo tido conhecimento de que no Barreiro circula o boato de que é amarelo, opõe a isso o mais absoluto desmentido, porquanto «é e será grevista do primeiro ao último momento», declaração que temos muito prazer em registar.

### No Minho e Douro continua a greve sem defecções

Os operários da indústria de mobiliário resolvem auxiliar os grevistas moral e materialmente

PORTO, 22.—A greve do Minho e Douro nada há a acrescentar: tudo na mesma. As mesmas notas da Direcção anunciando a normalização dos serviços e publicando até um novo horário, as mesmas esperanças de que no dia 25 do corrente o pessoal se apresente em massa; e a mesma resistência heroica dos grevistas, que confiam em que o actual ministério, deixando «os românticos meramente pessoais e a atitude jesuítica-absoluta do seu antecessor», pense a sério em pôr termo a um conflito que a todos causa prejuízos. O apelo feito ao operariado pela C. O. T. causou excelente impressão entre os grevistas, animando-os ainda mais nas suas resoluções de proseguirem até ao fim na luta económico-moral que encetou em 30 de Setembro.

No Sindicato Unico da Indústria de Mobiliário reinam, em assembleia magna, as classes aderentes a fim de apreciarem a normalidade por que está passando o país, merecida pela greve ferroviária, e cuja solução vem sendo protelada pelo governo.

Debatido suficientemente o assunto, foi aprovada a seguinte moção:

Considerando que a greve ferroviária está causando graves prejuízos ao país, e



